

Contribuição para um vocabulário vernáculo de nomes comuns e populares de moluscos portugueses: suas relações culturais, históricas e heráldicas

Contribución a un vocabulario vernáculo de nombres comunes y populares de moluscos portugueses: sus relaciones culturales, históricas y heráldicas

Contribution to a vernacular vocabulary of common and popular names of Portuguese molluscs: its cultural, historical and heraldic relations

**José Manuel Pedroso da Silva¹, Pedro Miguel Callapez^{2,3,5}
& Ricardo Jorge Pimentel^{2,4,5}**

*1. Universidade Sénior do Montijo, Quinta do Saldanha, Casa Senhorial, P-2780
457 Montijo, Portugal.
reitoriausenior@mun-montijo.pt*

*2. Universidade de Coimbra, CITEUC - Centro de Investigação da Terra e do Espaço
da Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Departamento de Ciências da Terra, Polo II, Rua Sílvio Lima, P-3030
790 Coimbra, Portugal.
callapez@dt.uc.pt*

*3. Grupo de Investigación Paleolbérica, Departamento de Geología, Geografía y Medio Ambiente,
Facultad de Ciencias, Universidad de Alcalá,
28805 Alcalá de Henares, España.*

*4. Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho,
Rua Dra. Cristina Torres,
3080-210, Figueira da Foz, Portugal.
ricardopimentel@esjcf.pt*

*5. GEOBIOTEC, Department of Earth Sciences,
NOVA School of Science and Technology,
Campus de Caparica P-2829
516 Caparica, Portugal.*

*Recibido: 10 de noviembre de 2021 Aceptado: 30 de marzo de 2022.
Publicado electrónicamente: 19 de abril de 2022.:*

Palavras-chave: Moluscos, lista taxonómica, nomes comuns e científicos, vocabulário vernáculo, cultura popular, História e Heráldica, Portugal.

Palabras clave: Moluscos, lista taxonomica, nombres comunes y científicos, vocabulario vernáculo, cultura popular, História y Heráldica, Portugal.

Keywords: Molluscs, taxonomic check-list, common and scientific names, vernacular vocabulary, cultural meaning, History and Heraldry, Portugal.

RESUMO

O riquíssimo património linguístico ibérico inclui numerosos nomes comuns e populares, pelos quais são designados diversos elementos da Natureza denotados pelo senso comum das gentes. Contam-se, entre estes, os vocábulos portugueses respeitantes a moluscos, quase sempre com raízes históricas antigas e ligados a hábitos culturais e atividades tradicionais. Mesmo após a generalização da nomenclatura binomial lineana nos círculos científicos, o seu uso persistiu e encontram-se presentes, inclusive, em coleções museológicas e manuais escolares. No presente estudo apresenta-se uma contribuição para um vocabulário vernáculo dos nomes comuns, de raiz popular, dos moluscos portugueses, baseada em fontes bibliográficas, orais e colecionísticas, fruto de décadas de pesquisa de campo e de museu. Pretende-se, assim, contribuir para a preservação da memória destes nomes, em parte de transmissão oral e, como tal, sujeitos a se perderem. A compilação ascende a 175 nomes comuns e respetiva relação com espécies de

moluscos apresentadas de acordo com a sua taxonomia atualizada. Destes nomes, 98 correspondem a bivalves (Classe Bivalvia), 59 a gastrópodes (Classe Gastropoda), 18 a cefalópodes (Classe Cephalopoda) e um a quítones (Classe Polyplacophora). São várias as razões de ordem cultural e histórica por detrás desta diversidade nomenclatural e da generalização do seu uso, mas, em grande medida, sublinham-se as tradições gastronómicas e as etnográficas decorrentes de atividades seculares ligadas à pesca, mariscultura e comércio. Sublinhe-se, ainda, a longa tradição heráldica ligada ao uso e representação de algumas destas espécies, com destaque para a *vieira*, testemunho de quanto enraizados os moluscos estão na cultura ibérica.

RESUMEN

El riquísimo patrimonio lingüístico ibérico incluye numerosos nombres comunes y populares, por los que se designan diversos elementos de la Naturaleza denotados por el sentido común de las gentes. Entre estos se encuentran los vocablos portugueses que se refieren a los moluscos, casi siempre con raíces históricas ancestrales y vinculados a hábitos culturales y actividades tradicionales. Incluso después de la generalización de la nomenclatura binomial linneana en los círculos científicos, su uso persistió e incluso está presente en colecciones de museos y manuales escolares. En este estudio se presenta una contribución para un vocabulario vernáculo de nombres comunes, de raíces populares y de moluscos portugueses, basado en fuentes bibliográficas, orales y de colecciones, fruto de décadas de investigación de campo y museística. Se pretende, por tanto, contribuir para la preservación de la memoria de estos nombres, en parte resultantes de la transmisión oral y, como tal, sujetos a perderse. La compilación asciende a 175 nombres comunes y su relación con las especies de moluscos presentadas de acuerdo con su taxonomía actualizada. De estos nombres, 98 corresponden a bivalvos (Clase Bivalvia), 59 a gasterópodos (Clase Gastropoda), 18 a cefalópodos (Clase Cephalopoda) y uno a quítones (Clase Polyplacophora). Varias son las razones culturales e históricas detrás de esta diversidad de nomenclatura y la generalización de su uso, pero, en gran medida, se destacan las tradiciones gastronómicas y etnográficas derivadas de las actividades seculares vinculadas a la pesca, el marisqueo y el comercio. Se destaca también la larga tradición heráldica ligada al uso y representación de algunas de estas especies, especialmente la *vieira*, testimonio del arraigo de los moluscos en la cultura ibérica.

ABSTRACT

The very rich linguistic heritage of the Iberian countries includes many common and popular names, by which several elements of the Natural world are designated and noted by the common sense of the people. Among these are the Portuguese words referring to molluscs, almost always with ancient historical roots and linked to cultural habits and traditional activities. Even after the generalization of the Linnaean binomial nomenclature in scientific circles, its use persisted and are even present in museum collections and school manuals. This study presents a contribution for a vernacular vocabulary of common names, with popular roots, of Portuguese molluscs, based on bibliographical, oral and collection sources, as the result of decades of field and museum research. It is intended, therefore, to contribute to the memory of these names, partly known by oral transmission and, as such, subject to getting lost. The compilation reaches to 175 common names, which are related to mollusc species presented according to their updated taxonomy. Of these names, 98 correspond to bivalves (Class Bivalvia), 59 to gastropods (Class Gastropoda), 18 to cephalopods (Class Cephalopoda) and just one to chitones (Class Polyplacophora). There are several cultural and historical reasons behind this nomenclature diversity and the generalization of its use, but, to a large extent, the gastronomic and ethnographic traditions arising from secular activities linked to fishing, shellfish gathering and trade are highlighted. Also noteworthy is the long heraldic tradition associated to the use and representation of some of these species, especially the scallop, testimony to how deeply rooted molluscs are in the Iberian culture.

I. INTRODUÇÃO

Idioma antigo, cujas origens se desvanecem na complexidade do mosaico cultural dos vários povos que, ao longo de incontáveis gerações, se mesclaram por entre os espaços litorais e o *hinterland* noroeste da Península Ibérica, a língua de Camões destaca-se pela excepcional riqueza dos seus vocábulos, emanados de raízes galaico-portuguesas, ou ainda, numa evolução secular natural, através de tantos outros nomes vernáculos que se lhes juntaram.

E porque por detrás de uma língua se encontra um povo, nas grandezas e misérrias de vidas singelas decorridas em trabalhos braçais, na labuta diária pelo sustento da família e da comunidade, foram, também, o jornaleiro e o pescador, o artifice e o vilão – outrora humildes servos de senhores feudais –, o marujo que se aventurou por mares distantes, ao sopro incessante da monção, o besteiro ufano do entardecer de Aljubarrota, quem adaptou, criou e recriou palavras que acabariam por vingar, fruto de



Figura 1. A vila de Sines, berço de D. Vasco da Gama, exemplifica uma das muitas antigas comunidades piscatórias existentes em Portugal, cujos traços pitorescos de outrora já desapareceram, em grande medida, assim como formas e artes de pesca tradicional, às quais reportavam muitos nomes comuns, hoje em desuso ou já desaparecidos (Fonte: postal ilustrado, c. 1940, coleção P. Callapez).

uma imaginação fértil e de um senso comum criativo, apartados de doutos conhecimentos gramaticais ou de inclitos acordos ortográficos.

Encontram-se entre estes vocábulos, por entre tantos outros que tratam das *cousas* do mundo que nos rodeia e dos quais aprendemos os nomes desde tenra idade, os termos relacionados com as Ciências Naturais. Estes últimos, por se referirem a animais e plantas do nosso quotidiano, assim como a minerais e rochas que assomam nos recantos e paisagens do território que é hoje Portugal, são particularmente apreciados por todos aqueles que fazem da Biologia e da Geologia focos de interesse investigativo, em vocações latentes de naturalista e de colecionador metucioso.

Longe dos pergaminhos do latim da taxonomia de Lineu, muitos destes nomes comuns circulam desde há muito, incorporados em memórias orais, costumes e atividades tradicionais, e

hábitos alimentares e gastronómicos. A vulgarização de alguns conferiu-lhes estatuto generalizado a todo o universo linguístico lusitano, perpetuando-se em páginas de dicionários e enciclopédias do saber. Outros ainda, pela sua particularidade ou recorte invulgar, permaneceram incógnitos nos falares singulares de certas regiões e lugares do país, como se apenas fossem de direito, propriedade de alguns, na sua riqueza etnográfica e fonética. Encontram-se, entre estes, os nomes falados entre gentes de ofícios particulares, como as comunidades de pescadores e de mariscadores, nas suas *companhas* e pescarias, em que a convivência continuada com as algas e os animais marinhos, resultou em formas de dialeto particularmente ricas em nomes vernáculos ligados à História Natural (Figura 1).

Quem mais que os *Travailleurs de la mer* de Victor Hugo, ou os *Pescadores* de Raúl Brandão, no seu contacto incessante com o litoral e a imensidão aquática que o abraça, berço de inúmeras formas de vida que são também sustento dos homens e adornos da Natureza, para saberem, no seu senso comum, como reconhecer e separar entre si, as espécies de animais aquáticos capturados em nassas e redes da faina, dissimulados nas areias dos baixios, ou agarrados teimosamente a leixões desnudados pela maré?

Há fragas enormes, roídas, veneráveis, cobertas de lapas aderentes, de mexilhões aos cachos que, sentindo gente, fecham logo a casa, e onde o azul empoça em buracos que reflectem o universo: cabem lá dentro o céu, a luz e as estrelas.¹

É, talvez, por força destes factos intrínsecos à *terra* e ao *homem*,² que quando nos desdobramos por entre o riquíssimo vocabulário de nomes comuns que designam muitos dos moluscos portugueses, a grande maioria respeita a espécies aquáticas, de ambientes marinhos, lagunares e estuarinos (Figura 2). Desdobram-se sobretudo por entre moluscos bivalves, gastrópodes e cefalópodes, três principais classes deste Filo de animais invertebrados, reconhecidas pela sua apreciável diversidade que ascende a várias centenas de espécies reportadas em território ibérico. Outras ainda, povoam rios e lagoas das grandes bacias hidrográficas do território, mas são, sobretudo, os gastrópodes terrestres que, com o seu reptar paciente, se espalharam por todos os recantos do país profundo, servindo de contentamento a quem não dispensa um bom pitéu.

Nas páginas seguintes, expõem-se o resultado de décadas de acumular paciente de nomes comuns e populares de moluscos portugueses, no decurso da atividade dos autores como colecionadores e investigadores de temas de Malacologia. Para tal, apresenta-se uma lista alfabética dos termos que foi possível recolher, tendo por base a pesquisa bibliográfica e o estudo de coleções museológicas, em que, frequentemente, os nomes comuns acompanham a classificação científica. Estas abordagens foram acompanhadas por recolhas orais de campo, efetuadas junto de pescadores, mariscadores e

1. BRANDÃO (1923: 161).

2. . V. o ensaio *Portugal, a terra e o homem*, de Orlando Ribeiro.

peixeiros de norte a sul do país (Figura 3), ou ainda, em excursões aos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Este é um tema aliciante, mas evado do desespero de quem se apercebe de que não tem fim, de que vocábulos se perderam e outros ainda existem, mas de sobrevivência periclitante, acabando por se perder nos falares de velhos pescadores, como que personagens de Hemingway, sumidas num mar sem fim.³ E como, à luz da Ciência, tudo se quer com uma explicação, apresenta-se ainda a correspondência entre os nomes comuns e a taxonomia atualizada das espécies, géneros ou categoriais superiores. Possa este contributo ser útil a professores de Ciências Naturais, nas suas aulas e saídas de campo, assim como na revisão de coleções práticas das escolas.

2. TENTÂMEN DE VOCABULÁRIO

A lista que ora se segue, apresenta 175 entradas de nomes comuns e populares de moluscos pertencentes às classes Bivalvia, Gastropoda, Cephalopoda e Polyplacophora, todos eles da fauna atual do litoral de Portugal continental e ilhas, ou ainda, aos seus cursos de água e ambientes terrestres. Entre os estudos examinados, destacam-se a contribuição de PEIXOTO (1889) sobre Malacologia popular e o seu catálogo de 1897, os de LANDOLT (1928) e MONTEIRO (1986), e as monografias de Augusto Nobre sobre a fauna portuguesa, profusos em nomes comuns. Consultou-se, igualmente, a PORTARIA (2006) do Ministério da Agricultura e Pescas.

A relação alfabética é acompanhada pelos correspondentes nomes científicos, cuja identificação se baseou em trabalhos sobre moluscos portugueses e a fauna atlântica: NOBRE (1930, 1931, 1936, 1940, 1941), NOBRE & BRAGA (1942), SEIXAS (1976, 1992), TEBBLE (1976), BURNAY (1986), BURNAY & MONTEIRO (1988); PALAZZI (1988), ROLÁN (1984), ROLÁN *et al.* (1989), POPPE & GOTO (1991, 1993), MACEDO (1996), SALDANHA (1997), RODRÍGUEZ & SÁNCHEZ (1997), MACEDO *et al.* (1999), FALKNER *et al.* (2002), ARDOVINI & COSSIGNANI (2004), ALBUQUERQUE DE MATOS (2004, 2014), REIS (2006), SEGERS *et al.* (2009) e BIELER *et al.* (2010). Nas atualizações taxonómicas consultaram-se, também, as bases de dados WoRMS (2021) e ERMS (COSTELLO *et al.*, 2001). Por fim, os vocábulos relacionados com espécies comestíveis encontram-se assinalados por um asterisco. O elenco inventariado é o seguinte:

- Alcofinha – *Tritia incrassata* (Strøm, 1768)
- Almeijão-grande – *Anodonta cygnea* (Linnaeus, 1758)
- Almeijão-pequeno – *Anodonta anatina* (Linnaeus, 1758)
- Amarelinho* – *Cepaea nemoralis* (Linnaeus, 1758)
- Amêijoa* – *Ruditapes* ou *Venerupis* spp.
- Amêijoa-amarela* – *Politapes aureus* (Gmelin, 1791)
- Amêijoa-bicuda* – *Politapes aureus* (Gmelin, 1791)
- Amêijoa-boa* – *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
- Amêijoa-branca* – *Spisula solida* (Linnaeus, 1758)
- Amêijoa-cristã* – *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
- Amêijoa-canita* – *Politapes aureus* (Gmelin, 1791)

3. 3. V. a novela *O Velho e o mar*, de Ernest Hemingway.



Figura 2. Apanha estuarina de berbigão e de minhoca (casulo) para isco, em Vila do Conde. A labuta diária das famílias, nas comunidades piscatórias de há décadas atrás, envolvia mulheres e crianças, enquanto os homens seguiam para a faina. A aprendizagem dos ofícios de mariscultura fazia-se, então, desde tenra idade (Fonte: postal ilustrado, c. 1930, coleção P. Callapez).



Figura 3. O velho pescador, vendedor de peixe e marisco, com as suas canastras, contador de histórias e conhecedor dos nomes comuns da fauna e flora marinha que o seu senso comum sabia diferenciar; foi um tipo popular até meados do século passado, desaparecendo com a normalização das lotas e dos mercados municipais (Fonte: postal ilustrado, c. 1905, coleção P. Callapez).

- Amêijoa-cão* – *Polititapes aureus* (Gmelin, 1791)
 Amêijoa-de-gata* – *Polititapes rhomboides* (Pennant, 1777)
 Amêijoa-do-rochedo* – *Venerupis corrugata* (Gmelin, 1791)
 Amêijoa-dourada* – *Spisula subtruncata* (da Costa, 1778)
 Amêijoa-estrangeira* – *Polititapes rhomboides* (Pennant, 1777)
 Amêijoa-falsa* – *Venerupis corrugata* (Gmelin, 1791)
 Amêijoa-fina* – *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
 Amêijoa-japonesa* – *Polititapes aureus* (Gmelin, 1791)
 Amêijoa-judia* – *Venerupis corrugata* (Gmelin, 1791)
 Amêijoa-macha* – *Venerupis corrugata* (Gmelin, 1791)
 Amêijoa-porqueira – *Unio* spp. e *Potomida littoralis* (Cuvier, 1798)
 Amêijoa-real* – *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
 Amêijoa-redonda* – *Dosinia exoleta* (Linnaeus, 1758), ou *Dosinia lupinus* (Linnaeus, 1758)
 Amêijoa-relógio* – *Dosinia exoleta* (Linnaeus, 1758), ou *Dosinia lupinus* (Linnaeus, 1758)
 Amêijoa-rolada* – *Polititapes rhomboides* (Pennant, 1777)
 Amêijoa-rugosa* – *Polititapes aureus* (Gmelin, 1791)
 Amêijoa-verdadeira* – *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
 Amêijoa-vermelha* – *Polititapes rhomboides* (Pennant, 1777)
 Amêijoa-vulgar* – *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
 Ameijoão* – *Callista chione* (Linnaeus, 1758)
 Amêijola* – *Callista chione* (Linnaeus, 1758), ou *Macra corallina* (Linnaeus, 1758)
 Bandeira – *Aporrhais pespelecani* (Linnaeus, 1758)
 Barquinho – *Patella pellucida* Linnaeus, 1758
 Bêbeda – *Aplysia depilans* Gmelin, 1791, *A. punctata* (Cuvier, 1803), ou *A. fasciata* Poiret, 1789
 Beijinho – *Trivia monacha* (da Costa, 1778), ou *T. artica* (Pulteney, 1799)
 Berbigão* – *Cerastoderma edule* (Linnaeus, 1758)
 Berbigão-de-bicos* – *Acanthocardia echinata* (Linnaeus, 1758), *A. aculeata* (Linnaeus, 1758), ou *A. paucicostata* (Sowerby II, 1834)
 Berbigão-grande* – *Acanthocardia tuberculata* (Linnaeus, 1758)
 Berbigão-lustroso* – *Laevicardium crassum* (Gmelin, 1791), ou *L. oblongum* (Gmelin, 1791)
 Bomboca* – *Laevicardium crassum* (Gmelin, 1791), ou *L. oblongum* (Gmelin, 1791)
 Boca-negra* – *Otala lactea* (Müller, 1774) [arquipélago da Madeira]
 Borrea – *Pholas dactylus* (Linnaeus, 1758)
 Borrelha* – *Littorina litorea* (Linnaeus, 1758)
 Borrelho* – *Littorina litorea* (Linnaeus, 1758)
 Brebigão* – *Cerastoderma edule* (Linnaeus, 1758)
 Burrié* – *Gibbula* spp., *Monodonta* spp., ou *Littorina* spp.
 Buzina* – *Charonia lampas* (Linnaeus, 1758)
 Búzio – Gastropoda, Prosobranchia [moluscos marinhos em geral]
 Búzio-macho* – *Hexaplex trunculus* (Linnaeus, 1758)
 Búzio-fêmea* – *Bolinus brandaris* (Linnaeus, 1758)
 Cadelinha* – *Donax trunculus* Linnaeus, 1758
 Canailha* – *Bolinus brandaris* (Linnaeus, 1758)
 Canilha* – *Bolinus brandaris* (Linnaeus, 1758)
 Canivete* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758), ou *Solen marginatus* Pulteney, 1799
 Caracol* – Gastropoda, Pulmonata [moluscos terrestres em geral]
 Caracol-das-canas* – *Cepaea nemoralis* (Linnaeus, 1758)
 Caracol-das-ERVEJARIAS* – *Theba pisana* (Müller, 1774)
 Caracol-do-diabo – *Ceruella virgata* (da Costa, 1778)
 Caracol-do-mar* – *Gibbula* spp., *Monodonta* spp., *Littorina* spp., ou *Bolma rugosa* (Linnaeus, 1767)
 Caracoleta* – *Cornu aspersum* (Müller, 1774)
 Caracoleta-moura* – *Otala lactea* (Müller, 1774)
 Caracol-pequeno* – *Theba pisana* (Müller, 1774)
 Caramujo* – *Gibbula* spp., *Monodonta* spp., ou *Littorina* spp.
 Caramujo-da-Madeira* – *Phorcus sauciatius* (Koch, 1845)
 Carcanhola* – *Magallana angulata* (Lamarck, 1819)
 Carrampilo* – *Pecten maximus* (Linnaeus, 1758)
 Cartucho* – *Todarodes sagittatus* (Lamarck, 1798)

- Cascabulho* – *Magallana angulata* (Lamarck, 1819)
 Castanhola* – *Glycymeris glycymeris* (Linnaeus, 1758), ou *G. nummaria* (Linnaeus, 1758)
 Chave – *Aporrhais pespelecani* (Linnaeus, 1758)
 Choco* – *Sepia officinalis* Linnaeus, 1758, *Sepia* spp., ou *Sepiolo* spp.
 Choco-de-cauda* – *Sepia orbignyana* Férussac, in d'Orbigny, 1826
 Chopo* – *Sepiolo* spp.
 Concha-de-Ovar – *Maetra corallina* (Linnaeus, 1758)
 Conchilhão – *Atrina pectinata* (Linnaeus, 1767)
 Condelpa* – *Donax trunculus* Linnaeus, 1758 [Algarve]
 Condelpa-da-praia* – *Donax trunculus* Linnaeus, 1758 [Alvor,Algarve]
 Conquilha* – *Donax trunculus* Linnaeus, 1758, ou *D. vittatus* (da Costa, 1778)
 Conquilha-fina – *Gari depressa* (Pennant, 1777)
 Cornetinha – *Tritia incrassata* (Strøm, 1768)
 Corninho – *Anomia ephippium* Linnaeus, 1758
 Covela ou Covéla – *Acmaea virginea* (Müller, 1776)
 Faca* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758)
 Ferro-de-engomar* – *Cymbium olla* (Linnaeus, 1758)
 Freirinha – *Trivia monacha* (da Costa, 1778)
 Folha* – *Donax vittatus* (da Costa, 1778)
 Funil – *Atrina pectinata* (Linnaeus, 1767)
 Fuso – *Turritellinella tricarinata* (Brocchi, 1814), *Turritella turbona* Monterosato, 1877, ou *Mesalia brevisalis* (Lamarck, 1822)
 Grão-de-café – *Trivia monacha* (da Costa, 1778)
 Judia* – *Venerupis corrugata* (Gmelin, 1791) ou *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
 Lambeijinha* – *Scrobicularia plana* (da Costa, 1778)
 Lameijinha* – *Scrobicularia plana* (da Costa, 1778)
 Lapa* – *Patella* spp. ou *Siphonaria pectinata* (Linnaeus, 1758)
 Lapa-branca* – *Patella ulyssiponensis* Gmelin, 1791
 Lapa-brava* – *Patella ulyssiponensis* Gmelin, 1791 [Açores e Madeira]
 Lapa-de-mergulho* – *Patella ulyssiponensis* Gmelin, 1791 [Açores e Madeira]
 Lapa-do-fundo* – *Patella ulyssiponensis* Gmelin, 1791 [Açores e Madeira]
 Lapa-mansa* – *Patella candei* d'Orbigny, 1840 [Açores e Madeira]
 Lapa-moira – *Siphonaria pectinata* (Linnaeus, 1758)
 Lapa-moura – *Siphonaria pectinata* (Linnaeus, 1758)
 e *Chaetopleura angulata* (Spengler, 1797) [Algarve]
 Lapa-da-pedra* – *Patella candei* d'Orbigny, 1840 [Açores e Madeira]
 Lapa-preta* – *Patella candei* d'Orbigny, 1840 [Açores e Madeira]
 Lapa-real* – *Haliotis tuberculata* Linnaeus, 1758
 Leque* – *Pecten maximus* (Linnaeus, 1758), *Aequipecten opercularis* (Linnaeus, 1758), *Flexopecten flexuosus* (Poli, 1795), ou *Chlamys* spp.
 Leque-variado* – *Mimachlamys varia* (Linnaeus, 1758), *Aequipecten opercularis* (Linnaeus, 1758)
 Lesma – *Limax* spp., *Deroceras* spp., *Drusia valenciennii* (Webb & Van Beneden, 1836), ou *Testacella maugei* Férussac, 1819
 Lesma-do-mar – Gastropoda, Nudibranchia
 Lesma-marinha – Gastropoda, Nudibranchia
 Languirão-de-praia* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758) [Alvor; forma mais escura]
 Languirão-de-rio* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758) [Alvor; forma mais clara, ou confusão com *Solen marginatus* Pulteney, 1799]
 Languirão* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758), ou *Solen marginatus* Pulteney, 1799
 Languirão-direito* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758)
 Longueirão* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758), ou *Solen marginatus* Pulteney, 1799
 Longueirão-direito* – *Ensis siliqua* (Linnaeus, 1758)
 Lostrão – *Atrina pectinata* (Linnaeus, 1767)
 Lula* – *Loligo vulgaris* Lamarck, 1798, ou *L. forbesii* Steenstrup, 1856
 Lula-bicuda* – *Alloteuthys* spp.
 Lula-legítima* – *Loligo vulgaris* Lamarck, 1798
 Lula-riscada* – *Loligo forbesii* Steenstrup, 1856
 Madrepérola – *Anomia ephippium* Linnaeus, 1758
 Maranhão* – *Magallana angulata* (Lamarck, 1819) [espécimes juvenis]
 Marinhaque* – *Magallana angulata* (Lamarck, 1819)
 Mexilhão* – *Mytilus edulis* Linnaeus, 1758, ou *M. galloprovincialis* Lamarck, 1819

- Mexilhão-de-rio – *Unio* spp.
 Náíade-comum – *Unio delphinus* Spengler, 1793
 Náíade-do-norte – *Margaritifera margaritifera* (Linnaeus, 1758)
 Náíade-negra – *Potomida littoralis* (Cuvier, 1798)
 Náíade-pequena – *Unio tumidiformis* Castro, 1885
 Náíade-do-Guadiana – *Unio tumidiformis* Castro, 1885
 Navalha – *Pharus legumen* (Linnaeus, 1758)
 Orelha-do-mar* – *Haliotis tuberculata* Linnaeus, 1758
 Ostra* – *Ostrea edulis* Linnaeus, 1758, *O. stentina* Payraudeau, 1826, ou *Magallana angulata* (Lamarck, 1819)
 Ostra-grande* – *Magallana angulata* (Lamarck, 1819)
 Ostra-fêmea* – *Ostrea edulis* Linnaeus, 1758
 Ostra-plana* – *Ostrea edulis* Linnaeus, 1758
 Ostra-portuguesa* – *Magallana angulata* (Lamarck, 1819)
 Ostra-redonda* – *Ostrea edulis* Linnaeus, 1758
 Pata-de-burro* – *Cymbium olla* (Linnaeus, 1758)
 Pata-de-mula* – *Acanthocardia tuberculata* (Linnaeus, 1758)
 Pataca – *Atrina pectinata* (Linnaeus, 1767)
 Patinha* – *Spisula solida* (Linnaeus, 1758)
 Pé-de-burrico* – *Venus casina* Linnaeus, 1758, ou *V. nux* Gmelin, 1791
 Pé-de-burrinho* – *Chamelea gallina* (Linnaeus, 1758)
 Pé-de-burro* – *Venus verrucosa* Linnaeus, 1758
 Pé-de-pelicano – *Aporrhais pespelecani* (Linnaeus, 1758)
 Pente* – *Pecten maximus* (Linnaeus, 1758)
 Pião – *Calliostoma laugierii* (Payraudeau, 1826)
 Pião-pintado* – *Calliostoma zizyphinum* (Linnaeus, 1758)
 Pinto* – *Donax vittatus* (da Costa, 1778)
 Polvo* – *Octopus vulgaris*, *Octopus* spp.
 Polvo-cabeçudo* – *Eledone cirrhosa* (Lamarck, 1798)
 Polvo-de-cheiro* – *Eledone moschata* (Lamarck, 1798)
 Polvo-do-alto* – *Eledone cirrhosa* (Lamarck, 1798)
 Polvo-malhado* – *Callistoctopus macropus* (Risso, 1826)
 Pota* – *Berrytheutis* spp., *Ilex* spp., ou *Todaropsis* spp.
 Pota-costeira* – *Todaropsis eblanae* (Ball, 1841)
 Pota-voadora* – *Illex coindetii* (Vérany, 1839)
 Potra* – *Berrytheutis* spp., *Ilex* spp., ou *Todaropsis* spp.
 Púrpura – *Stramonita haemastoma* (Linnaeus, 1767)
 Riscadinho* – *Cepaea nemoralis* (Linnaeus, 1758)
 Riscado* – *Cepaea nemoralis* (Linnaeus, 1758)
 Romeira* – *Pecten maximus* (Linnaeus, 1758)
 Siba* – *Sepia officinalis* Linnaeus, 1758
 Taralhão* – *Lutraria lutraria* (Linnaeus, 1758), ou *Panopea glycimeris* (Born, 1778)
 Taralhão-gigante* – *Panopea glycimeris* (Born, 1778)
 Taralhão-folado – *Pholas dactylus* (Linnaeus, 1758)
 Teta-de-velha* – *Cymbium olla* (Linnaeus, 1758)
 Tintureira – *Aplysia depilans* Gmelin, 1791, *A. punctata* (Cuvier, 1803), ou *A. fasciata* Poiret, 1789
 Verdadeira* – *Politapes rhomboides* (Pennant, 1777), ou *Ruditapes decussatus* (Linnaeus, 1758)
 Vieira* – *Pecten maximus* (Linnaeus, 1758), *Aequipecten opercularis* (Linnaeus, 1758), *Flexopecten flexuosus* (Poli, 1795), *Chlamys* spp.
 Veira-da-pedra* – *Mimachlamys varia* (Linnaeus, 1758)
 Vinagreira – *Aplysia depilans* Gmelin, 1791, *A. punctata* (Cuvier, 1803), ou *A. fasciata* Poiret, 1789
 Xoxa-de-velha – *Aplysia depilans* Gmelin, 1791, *A. punctata* (Cuvier, 1803), ou *A. fasciata* Poiret, 1789
 Zamburinha* – *Mimachlamys varia* (Linnaeus, 1758), ou *Aequipecten opercularis* (Linnaeus, 1758)

3. DIVERSIDADE ETIMOLÓGICA

Dos 175 nomes comuns e populares de moluscos portugueses que nos foi possível contabilizar, verifica-se que 98 correspondem a bivalves (Classe Bivalvia), 59 a

gastrópodes (Classe Gastropoda), 18 a cefalópodes (Classe Cephalopoda) e um a quítones (Classe Polyplacophora).

Nos bivalves, os nomes comuns respeitam a 51 espécies, das quais 45 são características de ambientes marinhos, estuarinos ou lagunares, e seis dulçaquícolas. A estes valores acrescentam cinco nomes comuns com significado mais abrangente, aplicáveis a espécies de dois géneros marinhos e um de água doce.

Nos moluscos gastrópodes, os valores referidos contemplam 26 espécies típicas de ambientes marinhos ou salobros, bem como sete de animais terrestres. Incluem também designações mais generalistas, relacionadas com as diversas espécies pertencentes a seis géneros, dos quais quatro marinhos e dois terrestres. Outras quatro designações são aplicadas genericamente a Nudibranchia, Prosobranchia e Pulmonata.

Quanto aos cefalópodes, inventariaram-se nomes comuns representativos de 10 espécies, a que acrescentam outros termos mais abrangentes, aplicados às espécies de águas portuguesas pertencentes sete géneros distintos.

Por fim, nos quítones reconheceu-se a designação algarvia de *lapa-moura*, utilizada para designar a espécie *Chaetopleura angulata* (Spengler, 1797), a maior deste grupo taxonómico representado em águas portuguesas e comum em covos e nassas de pesca. Não obstante, esta designação também é extensível ao pulmonado pateliforme *Siphonaria pectinata* (Linnaeus, 1758), espécie de meio intermareal, bastante abundante na costa portuguesa, sobretudo entre o Algarve e o Cabo Mondego. Esta dualidade taxonómica espelha o grau de liberdade com que os epítetos *moura* ou *moira* se utilizam tradicionalmente, em regiões do Sul do país, para designar conchas com morfologias que se afastem das mais habituais (neste caso as outras *lapas*), no senso comum do pescador ou mariscador. A imaginação popular encontra aqui bastante expressão, ou não fosse a ocupação islâmica, na época Medieval, ter deixado raízes profundas nestas populações de rostos tismados pelas suas raízes moçárabes, em que os moluscos comestíveis sempre fizeram parte do consumo alimentar regular e contribuíram para a diversidade da dieta mediterrânica.

Note-se ainda que, ao ser contabilizada a proporção entre os nomes comuns de moluscos bivalves e gastrópodes (98/59), esta não reflete a diversidade das espécies pertencentes a estas duas classes e existentes em território português. Com efeito, os gastrópodes tendem a apresentar maior diversidade do que os bivalves em ambientes aquáticos, para além de serem um elemento habitual dos ecossistemas terrestres. Não obstante, muitas espécies da Classe Gastropoda são de pequena dimensão, não excedendo alguns milímetros a pouco mais de um centímetro. Estas dimensões contribuem para que tenham passado despercebidas à generalidade dos observadores, não estudiosos de Malacologia, ou que, simplesmente não tenham merecido a sua atenção ao ponto de justificarem a criação de mais vocábulos. Por outro lado, a prevalência de nomes comuns e populares de Bivalvia, terá certamente implicações culturais, nomeadamente nos foros alimentar e culinário, sendo que, dos 131 vocábulos listados, relacionados com espécies comestíveis, 77 respeitam a esta Classe, por contraposição com 26 de gastrópodes marinhos, 10 de pulmonados terrestres e 18 de cefalópodes.

Para além deste factores, é certo que a atribuição e uso de nomes populares se tem vindo a aplicar, sobretudo, a espécies abundantes ou, pelo menos, relativamente comuns, na sua maioria acessíveis em meio litoral, durante ciclos mareais. Outras ainda, mesmo que características de meios com batimetrias mais elevadas, deveram as suas designações comuns ao facto de serem capturadas, de modo recorrente, em redes ou outros artefactos de pesca.

4. IMPLICAÇÕES DE NATUREZA CULTURAL E HISTÓRICA

Que dizer do riquíssimo património histórico e cultural que envolve os moluscos e as suas conchas, expressos através de nomes comuns e de expressão popular, em que, não raras vezes, a sua origem antecede a própria existência da nomenclatura científica lineana? Os seus restos malacológicos, estudados através de métodos da Zooarqueologia, são frequentes em contextos arqueológicos de diferentes idades, com significados geográficos e culturais diversos (CALLAPEZ *et al.*, 2016). Refletem, na sua essência, a existência de uma relação muito antiga entre o Homem e o meio ambiente, pautada pelo desenvolvimento de atividades de subsistência e, mais tarde, pelo desenrolar de economias de produção e distribuição, assentes em comunidades estabelecidas na dependência do litoral, explorando os seus recursos naturais como fonte de alimento e de riqueza. Estas incluíam, por exemplo, a produção da púrpura a partir de algumas espécies de muricídeos, ao tempo abundantes em regiões costeiras do oeste e sul da



Figura 4. Panorâmica das ruínas romanas de Casais Velhos, localizadas próximo de Cascais e datadas de finais do Império (sécs. III-IV), onde se conservam cetárias usadas para tinturaria proveniente dos moluscos *Stramonita haemastoma* (búzio), *Hexaplex trunculus* (búzio) e *Bolinus brandaris* (canilha) (Fotografia de J.M. Pedroso da Silva, 1987).



Figura 5. Atividades tradicionais no litoral minhoto, há um século atrás: a pesca do polvo e da lagosta (Fonte: postal ilustrado, c. 1905; coleção P. Callapez).

Península Ibérica (Figura 4).

Assim sendo, compreendem-se as raízes populares da maioria destes nomes comuns, os quais entraram, por direito, no vernáculo da língua portuguesa, enriquecendo-a com novos vocábulos que permitiram diferenciar entre si, ainda que com fundamentos baseados no senso-comum e na crença, muitos destes animais invertebrados integrantes dos ecossistemas naturais do território português.

De igual modo, também se observa uma ligação estreita e profunda, de uma riqueza etnográfica expressiva, entre muitos destes nomes comuns de moluscos e diversas atividades e profissões tradicionais, algumas delas já desaparecidas, ou adaptadas às contingências dos tempos modernos (PEDROSO DA SILVA, 1989), (Figura 5).

Regra geral, estas envolvem quase sempre espécies comestíveis, mais difundidas em hábitos e consumo alimentar, e preferidas pela culinária popular. Como principais vetores que comungam nesta relação, encontram-se as atividades de pesca e mariscultura,

em que o contacto persistente com espécies capturadas em redes e outros artefactos piscícolas, ou ainda, o cultivo e a apanha de bivalves comestíveis, motivam a utilização de um vocabulário utilitário, com termos de cariz local, lado a lado com nomes amplamente disseminados (Figura 6).

Também característica das comunidades piscatórias de outrora, a recolção sistemática de espécies comestíveis no litoral arenoso, lodoso, ou rochoso próximo, praticava-se como forma de recurso de subsistência quando o peixe escasseava, mas também através da venda ambulante do marisco, como complemento de magros sustentos mensais de famílias numerosas e num estado de pobreza persistente. Frequentemente, a apanha destes moluscos era feita pelas mulheres e crianças, enquanto os homens, nas suas longas jornadas, enfrentavam as incertezas do mar cruel.

Surgiram desta forma, a jusante destas cadeias produtivas, as profissões de vendedor de ostras, de amêijoas, mexilhões ou berbigões, entre outras espécies de invertebrados, numa época em que as regulamentações municipais ainda permitiam a venda de rua, como alternativa aos mercados locais (Figura 7). Estas profissões tradicionais estendiam-se às grandes cidades e permitiam suprir as necessidades mais exóticas dos paladares da população, contento dos burgueses e do seu gosto pelo marisco apetecível.

Outros exemplos fascinantes, disseminados na história e cultura popular, envolvem a utilização de espécies comuns, sobretudo as de maior porte, como utensílios ou objetos decorativos. Destas, algumas acabaram por alcançar um estatuto religioso ou místico, imbuído na tradição secular, como veremos seguidamente.

Quem não recorda, com uma certa nostalgia de um passado que teima em se fazer distante, a epopeia dos lugres e da pesca do bacalhau na longínqua Terra Nova? Os corajosos pescadores dos dórís não dispensavam as buzinas nas suas palmentas, rudimentares, mas cuidadosamente preparadas, pois delas dependia muitas vezes a sobrevivência. Caía o nevoeiro cerrado e o sopro destes longos búzios

ecoava, permitindo o regresso orientado dos pequenos botes ao navio mãe.

Nos degraus de pedra perto do ancoradouro, de onde os dóris partiam e chegavam, viam-se pescadores embarcando e desembarcando, numa azáfama constante. Muitos traziam um grande garrafão numa mão e um búzio na outra.⁴

5. USO HISTÓRICO NA HERÁLDICA

Muito poucas são as ocorrências de moluscos no mundo das figuras heráldicas e, mesmo destas, apenas residualmente podemos encontrar nomes científicos.

Não nos admiremos. Quando, em meados do século XVIII, a nomenclatura binominal de Lineu marcou importante e decisiva presença na linguagem da Ciência, já os escudos de armas tinham 600 anos de existência. Ainda hoje é mais importante para o heraldista o que representa simbolicamente um animal (ou uma planta), do que, propriamente, a “gaveta” em que a Taxonomia o arrumou. Vejamos este exemplo: O ganso é símbolo da vigilância e da defesa desde que, no ano de 390 A.C., Roma foi salva de cair nas mãos dos gauleses devido aos gritos de alarme lançados pelos “Gansos do Capitólio”, consagrados a Juno. Esta narrativa lendária poderá (e deverá) interessar ao estudioso de um brasão em que figure aquela ave; pelo contrário, saber se se trata das espécies *Anser anser*, *A. cygnoides* ou *Alopochen aegyptiacus*, não!

A única concha de molusco com presença significativa em Heráldica é a *vieira*, designação que, embora se possa generalizar a várias espécies da família Pectinidae, toma aqui o significado mais restrito das valvas de *Pecten maximus* (Linnaeus, 1758) e *P. jacobaeus* (Linnaeus, 1758), a primeira das quais comum no litoral português e da Galiza.

Em Portugal está quase sempre ligada a Sant’lago, ou por via de peregrinos que se deslocaram a Compostela (família Velho), (MATTOS, 1940), ou por combatentes que participaram na batalha de Ourique que ocorreu em dia de Santiago, 25 de julho [de 1139] (família Sequeira), (BRANDÃO, 1945).

A Ordem Militar de Sant’lago da Espada, fundada por Fernando II de Leão em 1170 e que, pouco tempo depois entrava em Portugal, onde esteve sedeadada, desde D. Sancho II, a sul do Tejo, estabelece esta relação. Assim, o escudo de armas do Centro de Instrução de Quadros, em Tavira lembra, através das quatro *vieiras*, a conquista da cidade pela Ordem de Sant’lago e o número do regimento de que é herdeiro, o Regimento de Infantaria n.º 4 (Figura 8).

A representação da *vieira* também está presente em diversos escudos de armas de famílias portuguesas, com destaque para as Camelo, Calça, Calheiros, Pimenta, Pimentel, 4.VILLIERS (2005: 60), 1.ª edição em língua inglesa: 1951.



Caldas da Rainha Foz do Arelho „Apanha d’ ameijoas”

Figura 6. Atividades tradicionais de mariscultura, praticadas por mulheres: a apanha da amêijoas na Foz do Arelho, perto das Caldas da Rainha (Fonte: postal ilustrado, c. 1940, coleção P. Callapez).



Figura 7. A apanha do mexilhão no litoral minhoto, outrora feita por mulheres e crianças de famílias de fracos recursos (Fonte: postal ilustrado, c. 1905; coleção P. Callapez).



Figura 8. Armas do Centro de Instrução de Quadros (Tavira), aprovadas por despacho publicado na Ordem do Exército n.º 2, 1 série, de 29 de fevereiro de 1996.

Romeiro, Sequeira, Velho e Vieira (Figura 9).

Uma das raras presenças de *vieiras* com outro significado – referência à lenda de Santo Agostinho – está nas armas do Papa emérito Bento XVI (Figura 10A-B):

Uma criança com o auxílio de uma concha transportava a água do mar para uma pequena cova que fizera na areia.

– O que estás a fazer, menino? – perguntou-lhe Santo Agostinho.

– Estou a pôr o mar aqui dentro – respondeu.

Então, o Santo, que andava a estudar os mistérios da Santíssima Trindade, disse-lhe:

– A minha missão é semelhante à tua: ando a tentar meter o infinito mundo de Deus nas mentes limitadas dos seres humanos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de um vocabulário vernáculo dos nomes comuns, de raiz popular, dos moluscos portugueses é, ao mesmo tempo, uma tarefa desde logo inacabada e uma corrida contra o tempo. Percorrer de lés a lés o país e indagar entre velhos pescadores, mariscadores ou gentes do campo, a partir de coleções de espécimes, ou de bases de dados de imagens, os nomes com que a tradição popular batizou os moluscos mais comuns, as espécies comestíveis, ou outras ainda que, pela sua dimensão ou aspeto invulgar, captaram a atenção do senso comum, não é tarefa fácil nem lesta. A imaginação popular, quase sempre fértil e de inspiração momentânea, também pode ter dado lugar ao ato criativo de novos vocábulos, os quais se juntam a muitos outros, estes sim de uso antigo e de transmissão por tradição oral, geração após geração. Ainda no passado verão de 2021, em diálogo proveitoso que um de nós (J. M. Pedroso da Silva) entabulou com o Sr. José Carlos, pescador e mariscador desde há décadas, na Ria de Alvor (Algarve), resultou o conhecimento de mais alguns nomes, como por exemplo a distinção, bastante prática, entre o *languirão-de-praia* e o *languirão-de-rio*, pelas suas colorações mais escuras ou mais claras, respetivamente; mas, também, a ideia de que este saber popular é propenso a confusões frequentes e incide, sobretudo, em espécies comestíveis, descartando todo o imenso universo dos mais pequenos moluscos, para todos eles bastando os epítetos de “búzio” ou “amêijoia”, entre outros mais generalistas. É interessante, também, a longa tradição heráldica ligada ao uso de algumas destas espécies, testemunho de quanto enraizados os moluscos estão na cultura ibérica. Por fim, como em qualquer investigação com propósitos etnográficos em torno da cultura popular, preocupa-nos o desaparecimento progressivo de muitas das atividades e profissões tradicionais das gerações de outrora, acarretando a perda de alguns destes interessantes nomes de transmissão oral, para sempre perdidos nas marmitas de gigante de uma língua rica e fluída, em constante evolução, que é o Português.



Figura 9. Armas das famílias Calça e Vieira, com representação de valvas de vieiras (Adaptado de GODINHO, 1990).

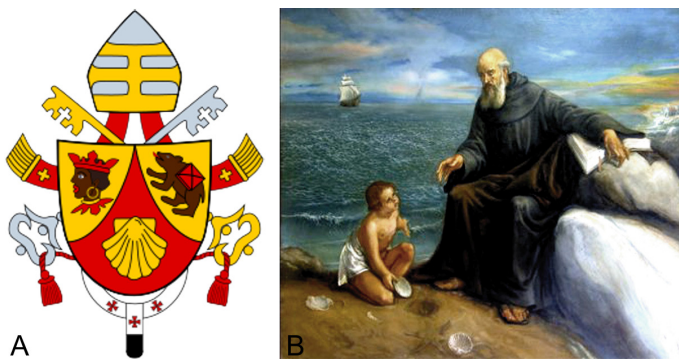


Figura 10. A. Armas do Papa emérito Bento XVI, com figuração de vieira. B. Cena de Santo Agostinho e o anjo, de Juan Barba (1915-1982) (Fonte: Casa de la comunidad de Santa Rita, Madrid. Agustinos Recoletos).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem, desta forma, a todos aqueles que, desinteressadamente contribuíram para a construção da lista de nomes comuns de moluscos, que constitui o cerne do presente estudo. P. Callapez e Ricardo Pimentel contaram com o apoio institucional do CITEUC - Centro de Investigação da Terra e do Espaço da Universidade de Coimbra e do Grupo PALEOIBÉRICA da Universidad de Alcalá, enquanto colaborador destas Unidades de Investigação e Desenvolvimento. Ao Doutor Fernando Barroso-Barcenilla agradece-se a leitura crítica do manuscrito e revisão dos textos em castelhano. Ao Doutor José Manuel Brandão, os autores estão gratos pela revisão e sugestões sempre pertinentes.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE DE MATOS, R.M. 2004. Non-Marine Testaceous Gastropoda of Continental Portugal and Berlengas Islands. I. Catalogue and bibliography. *Arquivos do Museu Bocage*, 4: 1-158.
- 2014. *Atlas dos caracóis terrestres e de águas salobras de Portugal Continental*. Edição da autora, Lisboa.
- ARDOVINI, R. & COSSIGNANI, T. 2004. *West African Seashells*. L'Informatore Piceno, Ancona.
- BIELER, R., CARTER, J.G. & COAN, E.V. 2010. Classification of bivalve families. In: BOUCHET, P., ROCROI, J.P., BIELER, R., CARTER, J.G. & COAN, E.V., Eds. Nomenclator of bivalve families. *Malacologia*, 52 (2): 1-184.
- BRANDÃO, Fr. A. 1945. *Crónica de D. Afonso Henriques*. Livraria Civilização, Porto.
- BRANDÃO, R. 1923. *Os pescadores*. Livrarias Aillaud & Bertrand, Paris e Lisboa.
- BURNAY, L.P. 1986. *Moluscos testáceos marinhos da Berlenga*. MPAT, Secretaria de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais, Serviço Nacional de Parques e de Conservação da Natureza, Lisboa.
- BURNAY, L.P. & MONTEIRO, A. 1988. História da Malacologia em Portugal. *Halia, Publicações da Sociedade Portuguesa de Malacologia*, 12: 1-123.
- CALLAPEZ, P.M., PIMENTEL, R. & DINIS, P. 2016. Moluscos em contextos arqueológicos portugueses: importância e estado da arte. *Estudos do Quaternário*, 14: 60-72.
- COSTELLO, M.J., EMBLOW, C. & WHITE, R.J., Eds. 2001. *European register of marine species: a check-list of the marine species in Europe and a bibliography of guides to their identification*. Collection Patrimoines Naturels, 50: 1-468.
- FALKNER, G., RIPKEN, T.E.J. & FALKNER, M. 2002. *Mollusques continentaux de France. Liste de référence annotée et bibliographie*. Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris.
- GODINHO, A. 1990. *Livro da Nobreza e Perfeição das Armas*. Edições INAPA, Lisboa.
- LANDOLT, C.A. 1928. *Fauna e flora marítimas da Póvoa de Varzim*. Typografia Sousa Cruz, Braga.
- MACEDO, M.C.C. 1996. *Rei Dom Carlos: Campanhas Oceanográficas. Estudo das Coleções Malacológicas*. Edições Inapa, Lisboa.
- MACEDO, M.C.C., MACEDO, M.I.C. & BORGES, J.P. 1999. *Conchas marinhas de Portugal*. Editorial Verbo, Lisboa.
- MATTOS, A. DE 1940. *Brasonário de Portugal*. 2 vols. Livraria Fernando Machado, Porto.
- MONTEIRO, A. 1986. Contribuição para um dicionário malacológico popular. *Halia, Publicação da Sociedade Portuguesa de Malacologia*, n.s., 10: 7.
- NOBRE, A. 1930. *Moluscos terrestres, fluviais e das águas salobras de Portugal*. Companhia Editora do Minho, Barcelos.
- 1931. *Moluscos marinhos de Portugal*, vol. 1. Imprensa Portuguesa, Porto.
- 1936. *Moluscos marinhos de Portugal*, vol. 2. Companhia Editora do Minho, Barcelos.
- 1940. *Fauna malacológica de Portugal - I. Moluscos marinhos e das águas salobras*. Companhia Editora do Minho, Barcelos.
- 1941. *Fauna malacológica de Portugal - II. Moluscos terrestres e fluviais*. Coimbra Editora, Coimbra.
- NOBRE, A. & BRAGA, J.M. 1942. Notas sobre a fauna das Ilhas Berlengas e Farilhões. *Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra*, 138: 1-66.
- PALAZZI, S. 1988. On some landsnails collected in Sintra. *Publicações ocasionais da Sociedade Portuguesa de Malacologia*, 10: 17-18.
- PEDROSO DA SILVA, J. 1989. *As Conchas e o Homem*. Edição do Autor, Lisboa.
- PEIXOTO, R.A.A. 1889. Contribuições para a etnografia portuguesa: Notas sobre malacologia popular. *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*, 1 (2): 75-90.
- 1897. *Museu. Moluscos marinhos de Portugal*. Escola Industrial Infante D. Henrique, Porto.
- POPPE, G. & GOTO, Y. 1991. *European seashells. I - Polyplacophora, Caudofoveata, Solenogastrea, Gastropoda*. Verlag Christa Hemmen, Wiesbaden.
- POPPE, G. & GOTO, Y. 1993. *European seashells. II - Scaphopoda, Bivalvia, Cephalopoda*. Verlag Christa Hemmen, Wiesbaden.
- PORTARIA. 2006. N.º 587/2006 de 22 de junho, Ministério da Agricultura e Pescas. Diário da República, I Série B: 4421-4444.
- REIS, J., Coord. 2006. *Atlas dos Bivalves de água doce em Portugal Continental*. Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa.
- RODRÍGUEZ, R.G. & SÁNCHEZ, J.M. 1997. *Moluscos bivalvos de Canarias*. Cabildo Insular de Gran

Canaria, Las Palmas.

- ROLÁN, E. 1984. *Moluscos de la Ria de Vigo. I - Gasterópodos*. Velograf S.A., Santiago de Compostela.
- ROLÁN, E., SCHMITT, J.O. & ALVAREZ, E.R. 1989. Moluscos de la Ria de Vigo. II - Poliplacóforos, Bivalvos, Escafópodos, Cefalópodos. *Thalassas*, Anexo 1-2: 1-276.
- SALDANHA, L. 1997. *Fauna Submarina Atlântica*, 3ª edição. Publicações Europa-América, Lisboa.
- SEGBER, W., SWINNEN, F. & PRINS, R.D. 2009. *Marine Molluscs of Madeira. The living marine molluscs of the province of Madeira (Madeira and Selvagens Archipelago)*. Snoeck Publishers, Gent.
- SEIXAS, M.M. 1976. Gastrópodes terrestres da fauna portuguesa. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, 16: 21-46.
- 1992. Gastrópodes terrestres da coleção do Museu Bocage. *Arquivos do Museu Bocage*, n.s., 2 (10): 155-255.
- TEBBLE, N. 1976. *British bivalve seashells*. 2nd edition. Royal Scottish Museum, Edinburgh.
- VILLIERS, A. 2005. *A campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*. Cavalo de Ferro, Lisboa.
- WORMS EDITORIAL BOARD. 2021. *World Register of Marine Species*. Available from <https://www.marinespecies.org> at VLIZ. Accessed 2021-11-08. doi:10.14284/170.

